

CIDADES INVISÍVEIS: IDEAIS DE URBANIDADE A PARTIR DA LITERATURA TURÍSTICA, O CASO DE PORTO ALEGRE(RS)

Invisible cities: urban ideals in tourism literature, the case of Porto Alegre (Brazil)

Ciudades Invisibles: ideales de urbanidad en la literatura turística, el caso de Porto Alegre (Brasil)

Maurício Ragagnin Pimentel*
Antonio Carlos Castrogiovanni**

*Universidade Federal de Pelotas – mauricioragagnin@gmail.com

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul – acastrogiovanni53@gmail.com

Versão online publicada em 23/03/2022 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>).

Como citar esse artigo: PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Cidades invisíveis: ideais de urbanidade a partir da literatura turística, o caso de Porto Alegre (RS). **Para Onde!? Edição Especial - Geografia(s) do Turismo**, v. 16, n. 02, p. 161-188, 2022.

Resumo:

A proposta deste estudo foi compreender como espaço designado como 'Porto Alegre' é apresentado e significado enquanto turístico. Realizou-se uma análise de discurso, com exame 135 documentos de diferentes épocas e gêneros textuais. Metodologicamente, atribui-se a todos os textos pesquisados um patamar de igualdade, independente de sua autoria, data e cenografia. Como resultado apontam-se cinco balizas a partir das quais a cidade é descrita e significada: 'evocação geográfica'; 'enquadramento temporal'; 'lugar e seus personagens'; 'ideais de urbanidade' e 'identidade do gentílico'. Em um contexto do crescimento da participação dos serviços na economia urbana e do uso frequente do turismo como subterfúgio para projetos com repercussões importantes na vida das cidades, este trabalho procura contribuir ao apontar os processos discursivos de transformação de um espaço em turístico. Também evidencia o caráter situado e político do que é compreendido enquanto turismo e qual papel é atribuído à figura do turista.

Palavras-chave: análise de discurso. literatura turística. Porto Alegre. ideais de urbanidade.

Abstract:

This study aims to understand how a space named as 'Porto Alegre' is presented and signified as touristic. A discourse analysis with a 135 documents corpus from different times and textual genres was done. A methodological assumption was to attribute an equal status to all examined texts, regardless of its authorship, date or setting. The results points to five tokens from which the city is described and meant: 'geographical summon'; 'timeframing', 'place characters', 'urban ideals' and 'local identity'. The paper contributes in the description of the discursive processes that convert a space into tourist space. This is relevant in a context where there is a growth of the services share in urban economy and where tourism is often used as a pretext to carry on projects with significant impacts on cities' lives. It also stresses the situated and political character of what is understood as tourism and of the role attributed to tourists.

Key-words: discourse analysis. tourism literature. Porto Alegre. urban ideals.

Resumen:

El objetivo de este estudio era comprender cómo se presenta y se entiende como turístico el espacio designado como "Porto Alegre". Se realizó un análisis del discurso, con el examen de 135 documentos de diferentes épocas y géneros textuales. Metodológicamente, a todos los textos investigados se les atribuyó una equidad, independientemente de su autoría, fecha y escenografía. En consecuencia, señalamos cinco pautas desde las que se describe y se significa la ciudad: "evocación geográfica"; "encuadre temporal"; "lugar y sus personajes"; "ideales de urbanidad" e "identidad del gentilicio". En un contexto de creciente participación de los servicios en la economía urbana y de frecuente utilización del turismo como subterfugio de proyectos con importantes repercusiones en la vida de las ciudades, este trabajo pretende contribuir señalando los procesos discursivos de transformación de un espacio en un espacio turístico. También destaca el carácter situado y político de lo que se entiende por turismo y qué papel se atribuye a la figura del turista.

Palabras-clave: Análisis del discurso. Literatura turística. Porto Alegre. Ideales de urbanidad.

1 Introdução

A dimensão simbólica e os discursos sobre um recorte do espaço geográfico são chave para compreender o modo como é produzido e organizado. O turismo tem sido um vetor importante na transformação da paisagem urbana na arquitetura produtiva do capitalismo contemporâneo (SPIROU, 2011) O processo da crescente predominância do setor de serviços, a exemplo do Turismo e da cultura, faz parte das tendências de uma economia pautada pelo avanço das TICs, pela crescente mobilidade, pela difusão de forma urbana fragmentada e conectada por redes e pelo destaque da dimensão simbólica e estética na produção de valor. Pontos que têm sido pauta dos estudos de Geografia Urbana (DE MATTOS, 2006).

Lipovestky & Serroy (2013) denominam esta fase de "capitalismo artista". Existe aí um contexto de competição urbana pela atração de investimentos e captura da demanda de consumo, em que a imagem de uma cidade - inclusive turística - passa a atuar no modo como ela se articula com a economia globalizada. Vide os exemplos de revitalização de centros históricos, portos e waterfronts, investimentos em equipamentos culturais e de entretenimento, como megamuseus e estádios. Neste movimento, as cidades buscam diferenciar-se da impessoalidade, indiferença e homogeneidade que as caracterizavam no discurso moderno. Para então constituir seu imaginário como um lugar, ou um arquipélago de lugares, denotados pelo prazer, pela distinção e pela valorização do que significa o acesso à cidade e as possibilidades que essa organização destinada a maximizar as interações oferece. Desse modo, há uma proliferação da criação de marcas (citybrands), e a promoção de identidades alinhadas com um ideal urbano que percebe a cidade como o local da festa, do encontro, da diversidade, da cultura, do consumo, do patrimônio histórico e das inovações modernas. Isso ocorre em um contexto em que cada vez mais pessoas encontram-se em algum momento na condição de turistas.

Miossec (1977, p.55) já destacava que "o espaço turístico é antes de tudo uma imagem." O espaço turístico envolveria produção de discursos e

de imaginários que despertam o desejo de realizar determinadas práticas em um habitat temporário (STOCK M. , 2007). Crang (2004) aponta que há uma “geo-grafia” realizada pelo Turismo. A grafia dos significados das paisagens e de narrativas que orientam o olhar dos visitantes, que sugerem um modo de agir que tem implicações sobre a disposição do campo relacional de sistemas de objetos e sistemas de ações que é o espaço geográfico.

Tendo isso em vista, este texto busca compreender como ocorre essa transformação discursiva que busca atribuir ao espaço cotidiano, ou banal, de uma cidade o caráter de turístico. Processo que nos informa tanto sobre o modo como tal sociedade relaciona-se com seu meio, ao orientar o olhar de seus hóspedes para como deveriam perceber seu território, quanto à forma pela qual compreendem o que vem a ser o turístico como código de uso e significação do espaço, bem como as características desse outro que está no papel de visitante.

A seguir apresentamos certas considerações metodológicas e teóricas que orientaram este trabalho.

2 Considerações metodológicas e teóricas

Esta é uma pesquisa exploratória e descritiva. Busca realizar uma análise do discurso, entendida enquanto "uma caixa de ferramentas no vasto conjunto dos 'métodos qualitativos' das ciências humanas e sociais"(MAINGUENEAU, 2015, p. 32). Enquanto estratégia de investigação é um o estudo de caso (YIN, 2001) tendo como unidade de análise a literatura turística cujo referente é o destino Porto Alegre.

A partir deste critério colecionamos um corpus de 135 textos em diferentes suportes, publicados entre 1883 a 2015, com distribuição cronológica não uniforme. O conjunto é formado por diferentes gêneros, tais como: guias e relatos de viagem, reportagens em revistas e cadernos de jornal especializados em turismo, além de folhetos distribuídos a visitantes. O corpus foi compilado a partir de visitas a bibliotecas, arquivos, livrarias de obras usadas (sebos) e buscas online.

Entende-se por literatura turística os textos cujo público-alvo são os visitantes de determinado espaço. Tais textos têm como função servirem de apoio para estrangeiros em uma terra estranha. Atuam como ferramentas para a descoberta e prática turística de determinado espaço, além de promoverem lugares e imaginários particulares. Neste sentido, caracterizam um discurso que designa um espaço enquanto turístico. Entendemos aqui discurso como:

[...] um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são apenas linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de divisões historicamente determinadas: “a ordem do discurso” própria de um período particular

possui, assim, uma função normativa e regrada e coloca em movimento mecanismos de organização do real através da produção de saberes, de estratégias e de práticas (REVEL, 2008) [tradução dos autores].

Uma das atribuições dessa literatura voltada para turistas é organizar o saber sobre determinado espaço, exibindo-o de forma condensada ao visitante. Para Knafou (2000, p. 473) “o espaço guiado é o espaço normatizado”. Norma entendida não em seu caráter de obrigatoriedade, mas de permissividade, ressaltando seu aspecto programático, seu caráter de agendamento. Ao normatizar o espaço, a literatura turística auxilia a estabilizar as incertezas e preocupações de ordem prática, e assim liberar seus usuários para o lazer, entendido como uma “situação de espontaneidade, de júbilo na ocupação consigo” (CORBIN, 2009, p. 19). Na medida em que serve para organização do uso do tempo e para eleição das práticas a serem realizadas naquele local estranho, e na medida em que atribui um propósito para que os visitantes se dirijam até lá, a literatura turística converte um local em “destino turístico”.

Um pressuposto metodológico desta análise foi atribuir a todos os textos pesquisados um patamar de igualdade, independente de sua autoria, data ou cenografia. Buscou-se percebê-los em uma espécie de superfície lisa, examinando o que emergiu e o que restou plano. Assim, neste estudo não há interesse na dimensão cronológica deste corpus. Também pouco importa aqui se os locais evocados não existem mais, e sim o modo em que são usados para construir uma imagem da cidade e vinculá-la a ideais de urbanidade.

Se a prática do Turismo está vinculada ao jogo com a alteridade (ÉQUIPE MIT, 2008) o discurso turístico sobre Porto Alegre terá de apresentar esse lugar como possuidor de traços distintivos, mas também inseri-lo em um quadro de aspectos com os quais o visitante possa relacionar-se. Neste sentido, nos são úteis as categorias Ipse e Idem, apresentadas por Ricouer (2014). O Ipse pode ser entendido com um conjunto de qualidades ou de condições específicas que formam sua unicidade e identidade. Viabilizam o local enquanto uma alteridade passível de ser ‘descoberta’ enquanto destino turístico. Já o Idem, refere-se ao mesmo, aquilo que se repete nos diferentes casos. É brincando com essa díade Ipse - Idem que o visitante insere um novo (entre) lugar em sua Geografia pessoal. Não é apenas diferença, mas também semelhança, em uma descoberta turística de certa alteridade que é dosada.

Assim, o que se pretende buscar são projetos de fala que atribuem ao espaço de Porto Alegre um sentido turístico, e que intencionam a legitimação desta proposta pela interpretação de seu público leitor. Almeja-se à compreensão do código dos comunicantes para ‘turístico’. Como, a partir de seus enunciados, buscam transformar o espaço, adaptando-o a essa leitura e inserindo-o em um repertório mais amplo de locais turísticos?

A análise dessa literatura permite apontar de que modo os redatores dos

enunciados gostariam que a cidade fosse percebida. Ao descrever determinados locais, recortando e destacando certos aspectos, e tornando outros opacos ou ausentes, a literatura de viagem cria uma representação, um espaço imaginado e imaginário. Cabe apontar que as indicações e as escolhas ali realizadas são permeadas por implicações políticas, muitas vezes refletindo disputas da sociedade anfitriã. Podemos, assim, entender esses textos como cristalização de arranjos de diferentes atores e instituições em sua iniciativa de atribuir uma denotação turística ao espaço porto-alegrense.

Na obra literária "As Cidades Invisíveis" de Italo Calvino(2003), o autor aponta a situação em que Marco Polo apresenta ao imperador Kublai Khan as várias cidades do reino mongol. São cidades invisíveis, na medida em que se constituem desde a fala do narrador que as descreve e que, assim, as torna presentes, mesmo em sua ausência ou invisibilidade para o ouvinte. A análise do discurso que exhibe a Porto Alegre turística recordou essa situação: apresentar um espaço ausente a quem não está diante de sua presença. Dizem que as várias cidades descritas por Polo eram de fato a mesma, Veneza sua terra natal. Isso aponta para a multiplicidade de um 'mesmo' lugar, que se apresenta em variados modos. Tal diversidade parece ser central no que motiva as pessoas em seu jogo com a alteridade, que caracteriza as práticas turísticas. Todavia, a referência ao livro de Calvino(2003) sublinha ainda a importância da dimensão discursiva, que atua na construção dessas diferentes imagens de cidade, que recursivamente acabam sendo, à vista do leitor, as próprias cidades. É um campo em que a distinção de uma 'cidade imaginária' de uma 'cidade real' torna-se difícil e empobrecedora, elas misturam-se como a tela e a tinta de uma pintura. Remetem às origens da Geografia, ao tentar, a partir da descrição de um espaço, dar-lhe sentido. O que ultrapassa a tarefa de examinar o encaixe entre 'realidade' e 'imaginário'. Isso na medida em que o imaginário é parte da realidade e a realidade é vivenciada e compreendida por meio do imaginário.

Na obra de Calvino (2003) é comum a evocação de um determinado traço de uma cidade a partir do qual se desenvolve a sua descrição, tornando-a visível. Uma tese que designa a cidade e a partir da qual são trazidos elementos que a corroboram. Ao estudar o modo como a literatura turística apresenta Porto Alegre, notamos um processo semelhante. Há o uso de uma 'chave interpretativa' que irá atuar tanto quanto 'bússola' - orientando o visitante em relação ao que buscar no destino e como interpretar suas experiências no local - quanto como 'âncora', a partir da qual são aglutinadas as construções de sentido e representações daquele lugar. As denominamos de balizas.

O uso dessas balizas remete à noção de mitologia, proposta por Barthes (2001). Pois são falas que se inscrevem em um sistema segundo de significação. Ou seja, quando o valor de um significante conhecido é usado para atingir-se outra significação. Por exemplo, o chimarrão torna-se tradição, o Parque Farroupilha uma cidade verde e ecológica, a Fundação Iberê Camargo o referente de uma população culta e que aprecia as artes,

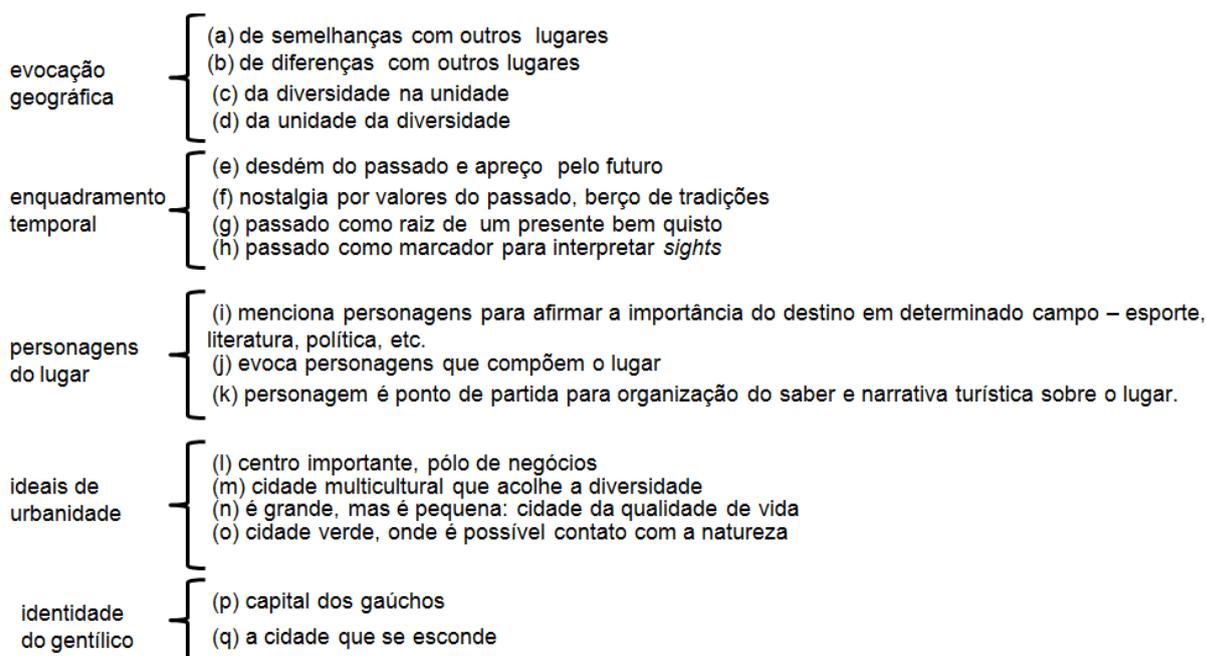
etc.

Feitas essas considerações, resta a questão: como a literatura turística torna visível o espaço de Porto Alegre? Como esse é inventado ou inventariado em seus textos?

3 Resultados e discussão

Ao buscar registrar o modo como a literatura turística apresenta Porto Alegre, identificaram-se cinco 'balizas' a partir das quais a cidade é descrita e significada. O gráfico a seguir apresenta as apresenta com suas ramificações, que escolhemos denominar: 'evocação geográfica'; 'enquadramento temporal'; 'lugar e personagens'; 'ideais de urbanidade' e 'identidade do gentílico'.

Figura 1 - Balizas desde as quais Porto Alegre é apresentada na literatura turística



Fonte: elaborado pelos autores com base no corpus de literatura turística investigado.

Essas balizas, que aglutinam as construções de sentido e representações sobre a cidade, foram definidas a partir de seus núcleos, e não de suas fronteiras. Isso implica na possibilidade de trânsito de um mesmo enunciado por diferentes balizas.

3.1 Baliza da evocação geográfica

Um modo de apresentar um espaço é referir e compará-lo com outros, e com a carga simbólica que evocam – o que permite entendê-los como lugares. Na literatura turística sobre Porto Alegre percebemos quatro variações dessa marcação: (a) comparação que explicita semelhanças a certo lugar; (b) comparação que explicita diferenças a certo lugar; (c) afirmação da possibilidade de experiência da diversidade de muitos lugares em um só ponto; (d) afirmação de um ponto como síntese de múltiplos lugares. Os lugares são evocados por serem símbolo de alguma condição ideal pretendida, ou ainda, por se aproximarem da realidade do público-alvo a quem o texto é direcionado, permitindo assim a tradução do espaço em questão.

É possível perceber (a) nos seguintes exemplos. A matéria "*La más criolla de Brasil: Mate, asado y fútbol en las calles de esta ciudad del sur del país, que se destaca por los amplios parques y un excéntrico mercado*" (BOCANEGRA, 2011){1}. O texto é construído apontando a "*similitud entre la cuna de Ronaldinho- ídolo del fútbol verdeamarillo- y las grandes ciudades argentinas*", em contraste ao "*cliche del brasileño*". São indicadas evidências para essa similaridade, como a predileção dos porto-alegrenses por elementos icônicos da identidade platina tais como o churrasco, o chimarrão e o futebol, pois em "*Porto Alegre se transpira el clásico Gremio-Inter tanto como un Boca-River.*"

Outra publicação, ao retratar a rua da Praia, aponta: "a rua dos Andradas é para o pôrto-alegrense, o que para o carioca é a Ouvidor, para montivideano a Sarandi, para o portenho a Florida" {2} (TOURING CLUB, 1955, p. 22). Feita essa vinculação o texto enuncia o que há em comum nesses espaços: "animação e vivacidade", pois ali "em todo seu esplendor" estão "as principais lojas e magazines, cinemas e confeitarias, cafés, jornais, salões e etc." (Ibidem). A evocação ou comparação latente esses lugares são referentes que comunicam ideais de urbanidade. É como se a presença desses elementos indicasse a inserção de Porto Alegre nesse rol de cidades, recordando a cadeia de sentido que Barthes (2001) aponta como Mitologia.

Na mesma publicação há outros exemplos dessa busca por um vínculo com alhures, como o "aspecto americano" e a "feição europeia". O primeiro parece dizer respeito à modernidade, intensidade, movimento e uma paisagem urbana verticalizada.

[Porto Alegre] caracteriza-se pelo aspecto americano, por assim dizer, da sua fisionomia urbana. Imponentes edifícios públicos, modernos arranha-céus pontilham as belas avenidas e ruas, animadas, por uma multidão cosmopolita e tumultuosa, e o tráfego intenso, o ruído e o movimento, lembram, em certas horas, o coração de uma verdadeira metrópole. (TOURING CLUB, 1955, p. 18){3}.

Já a feição e os ares 'europeus', apontam para a beleza de prédios

históricos, o apreço aos espaços públicos e à memória, o clima com quatro estações e a colonização por migrantes daquele continente.

A cidade tem ares europeus, a começar pelo próprio clima, que é gelado no inverno e insuportavelmente quente no verão. Há muitas livrarias, ótimos cafés, bares interessantes, casas de shows e muito verde em toda parte – há mais árvores do que gente nesta capital de 1,4 milhão de habitantes. É entre soberbos jacarandás, por exemplo, que se vê as fachadas dos edifícios neoclássicos do centro histórico. As ruas são limpas e o trânsito flui razoavelmente bem, não demorando muito ir de um lugar a outro (AZZI, 2012). {4}

No entanto, além de indicar semelhanças, podem-se evocar lugares para explicitar a sua diferença (b). É o caso do texto “Porto Alegre, uma face diferente da cultura brasileira” {5} (PORTO ALEGRE, 2012). O texto apresenta um ideal de brasilidade para então desconstruir essa representação e apontar que entre suas variações existe uma que é diferente. Se ouvir do Brasil “só lembra de sol, praia, samba, caipirinha e de florestas é porque ainda tem muito a conhecer. O Brasil é um país continental que cresceu de forma diferente em cada lugar [...] O extremo Sul do Brasil é um exemplo”{5} (PORTO ALEGRE. SMTUR., 2012). Guias internacionais também apontam essa particularidade, explicitada na baliza 'capital dos gaúchos'.

Diferente de apelar a lugares para expressar a sua semelhança ou diferença, outro uso da ‘evocação geográfica’ é atestar presença de características de uma multiplicidade de ‘lugares’ no destino (c). Isso está representado no seguinte trecho: “A gastronomia reproduz muito bem a diversidade étnica de Porto Alegre, com temperos do ocidente ao oriente, da cozinha brasileira e regional” {6}. Fica claro o uso do contraste e da evocação de escalas na busca por corroborar o imaginário da cidade como lugar da diversidade e copresença, onde se pode saborear o mundo sem sair do lugar. Para além da gastronomia, as origens dos imigrantes, bem como as distintas influências arquitetônicas são outros exemplos desse gênero de evocação geográfica.

Se a marcação (c) designa a diversidade de um lugar, a etiqueta (d) aponta para a unidade de uma diversidade. Afirma-se um ponto como a síntese de determinada região. Tal processo parece ocorrer em diferentes escalas, como podemos ver nos seguintes exemplos:

Localizada estrategicamente, em ponto equidistante entre o eixo RJ/SP e as capitais platinas, Buenos Aires e Montevideú, ela assume, hoje, naturalmente, a condição de capital do Mercosul, transformando-se no principal pólo de negócios da Rota do Cone Sul (PORTO ALEGRE., 1993-1996?) {7}.

Aqui a cidade pretende-se 'capital do Mercosul', por reunir traços brasileiros e platinos.

Hoje, combinando o moderno com o antigo, o jeito de metrópole com costumes provincianos, a capital dos gaúchos é a própria síntese do Rio Grande do Sul (PORTO ALEGRE, 1989-1992?) {8}

Em outra escala, pretende-se perceber Porto Alegre como a síntese da Unidade Federativa da qual é capital. Já em uma escala intraurbana é possível ver pontos do território porto-alegrense, como o Mercado Público, ou o Brique da Redenção, tidos como síntese da cidade e de seu povo.

Tendo apontado esses quatro marcadores da baliza evocação geográfica, fica a questão qual é a Geografia evocada como ponto de partida para entender Porto Alegre? Nota-se que essa varia de acordo com o autor do projeto de fala e com o público ao qual se dirige. Essa necessidade de ter de situar a cidade em um quadro de referências mais amplo, evidencia seu caráter periférico, de um espaço que não é um 'lugar comum' turístico, mas que precisa ser apresentado.

3.2 Baliza do enquadramento temporal

Outro ponto para criação discursiva dessa cidade invisível é enquadrá-la em uma perspectiva temporal. Aí se percebe o apelo para elementos de seu passado, ou justamente o contrário, a alusão ao novo e o entusiasmo e expectativa de um futuro próspero. A ênfase e os valores atribuídos ao passado, ao presente, ou ao futuro variam de acordo com as publicações. Percebem-se: e) evocações que desdenham o passado contrapondo-o ao futuro; f) textos em que há nostalgia de certos valores e o apreço pelas tradições, ou g) têm no pretérito a raiz para uma situação presente que é benquista. Em um caráter mais funcional, certos enunciados h) evocam o passado como uma informação para interpretar a cidade, atribuindo-lhe um valor intrínseco.

No seguinte trecho vemos enquadramento temporal orientado para o futuro (e), tributário de uma ideia de progresso.

Não é demais dizer que Porto Alegre cresce sempre, cresce incessantemente, numa ânsia de afirmação e de progresso. Uma constata e fecunda atividade em todos os setores, dá ritmo às pulsações da sua vida diuturna. Sua transição para o 'amanhã' – quando ocupará lugar de honra entre as metrópoles americanas – significa apenas um novo, lógico passo natural que já começou (TOURING CLUB, 1955, p. 08) {9}.

O excerto condiz com um pensamento otimista em relação ao

amanhã, em que o crescimento e importância econômica são valorizados e em que a modernidade é sinônimo de bem-estar e conforto. Essa postura também é encontrada em textos que buscam exaltar a capacidade da cidade em se renovar e seu papel de vanguarda. Assim está o texto “Porto Alegre, a cidade que se renova”, de 1935:

Cidadesinha colonial e pobre Pôrto Alegre vegetou cem anos apertada no promontorio em que se iniciára, do qual apenas a vertente norte se desenvolvia lentamente [...] Mas, de facto, só em 1926 com Octavio Rocha, Pôrto Alegre entra para o Ról das cidades modernas. Rasgaram-se avenidas, calçaram-se grandes superfícies de vias públicas, deu-se-lhes iluminação e sombra de arvores, melhorou-se a água em que se tomavam banhos... de lama, novos bairros e jardins surgiram e as grandes contrucções se multiplicaram. (RIO GRANDE DO SUL, 1935) {10}.

O passado é percebido como época da escassez de recursos. A transformação e melhoria de condição é motivo de orgulho, da qual o visitante será testemunho. Nesta publicação é explícito um aspecto que Duhamel (2007) aponta como um componente da atração turística das metrópoles, a oportunidade para participar e presenciar o progresso e a modernidade. Percebe-se ainda, como no caso de Porto Alegre, o significado que atribuído ao turístico está em seu vínculo ao urbano. A afirmação de uma intencionalidade turística sobre o espaço porto-alegrense é contemporânea ao processo de inserção da cidade na modernidade urbana.

O enquadramento temporal voltado ao progresso não é exclusivo das primeiras publicações turísticas sobre a cidade, a exemplo do trecho:

Porto Alegre pode orgulhar-se do seu alto padrão de serviços que, a exemplo das grandes metrópoles, está apoiado no avanço tecnológico dos modernos equipamentos de informática e na especialização de seus recursos humanos. (PORTO ALEGRE, 1993-1996?). {11}.

Publicado na década de 1990, segue o mesmo teor do excerto de 1935 {10}, atualizando a modernidade, que então passava pela presença da informática e da qualidade e especialização dos serviços.

Outra proposta de enquadramento temporal é aquela que valoriza o passado, o folclore e as tradições (f). Talvez o melhor exemplo dessa ênfase esteja no texto “Rio Grande do Sul: roteiro Turístico-cultural de Porto Alegre e cidades vizinhas” editado pela Embratur em 1978.

Entretanto, apesar das constantes transformações e de seu dinamismo, Porto Alegre conserva ainda o encanto de antigas construções que guardam, da cidade colonial e provinciana, o ar tranquilo e recuado no tempo, com seus hábitos simples, suas velhas

tradições mantidas com carinho e até com certo orgulho.
(EMBRATUR., 1978, p. 65) {12}.

Diferente da proposta anterior, que se vergonha do passado colonial, uma expressão do atraso e do desconforto, aqui esse é valorizado. Há neste excerto um afeto pela simplicidade e ritmo mais lento de outrora, abre-se espaço para a nostalgia e apreço às tradições. Isso porque a cidade transformou-se no segundo quartel do século XX, surgindo novas preocupações: a valorização do patrimônio e a busca por sua proteção (MEIRA, 2004), o questionamento das mudanças feitas em nome do progresso, a emergência do movimento tradicionalista gaúcho, gestado em certa nostalgia e idealização do rural por uma população oriunda do êxodo rural. Tradições tidas como produto da ancestralidade, e de um tempo 'imemorial', que não estão atreladas e delimitadas em datas ou eventos. Em uma proposta contemporânea está a iniciativa "Turismo de Galpão":

"que oferece um cardápio de oficinas e palestras abertas a turistas e visitantes do Acampamento farroupilha. [...] Que tal aprender a encilhar um cavalo e acompanhar como é feita a tosquia de ovelhas nas fazendas gaúchas?" (PORTO ALEGRE et al, 2013?) {13}.

O passado e a tradição já não são apenas objetos de contemplação e valorização, mas se quer transformá-los em experiência turística. Algo próprio da economia de serviços contemporânea, em que ao turista cabe um papel mais ativo.

Todavia, existem ainda outros usos do enquadramento temporal. Um deles é o apelo ao passado como argumento ao ideal urbano da diversidade (g), como se pode ver a seguir:

Porto Alegre, multicultural por natureza.

Porto Alegre foi fundada em 1772 por casais portugueses açorianos. Ao longo dos séculos seguintes acolheu imigrantes de todo mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses e libaneses, entre católicos, judeus, protestantes e muçulmanos. O resultado dessa formação é um conjunto de múltiplas expressões, de variadas faces, origens étnicas e religiosas, que fazem da capital gaúcha um raro espaço onde os contrastes e a diferença são apreciados e sempre bem-vindos. (PORTO ALEGRE, 2012) {14}.

Ao contrário de certa nostalgia, percebe-se nessa leitura uma convergência entre o passado e um ideal contemporâneo. Para a valorização uma situação multicultural do presente, o passado é usado como ferramenta discursiva. O trecho aponta Porto Alegre como uma cidade diversa, notável por seus contrastes, e por seu ideal de hospitalidade ao acolher todas essas expressões étnico religiosas. Essa matriz de leitura da cidade está em conforme com a evocação geográfica

da diversidade vista em (c).

Por fim, percebemos o enquadramento temporal em que o passado é evocado por seu valor intrínseco (h). Nesta perspectiva, é como se a menção de datas e fatos sobre locais e objetos os dotassem de valor, em processo de patrimonialização (BERTONCELLO, 2008; LAZZAROTTI, 2011). Um exemplo é proposta de prática turística a seguir:

Conhecer os prédios antigos e as ruas de uma cidade é como folhear um livro de História. Porto Alegre possui três núcleos histórico-culturais localizados no seu Centro Histórico. Através dos roteiros gratuitos [...] é possível fazer um viagem no tempo, conhecendo a capital gaúcha. (PORTO ALEGRE, 2001-2004?) {15}.

A visitação do patrimônio arquitetônico e a leitura de sua paisagem orientada por um guia é um meio para descobrir-se em outra trama temporal. A proposta também existe na publicação 'Roteiros históricos' (PORTO ALEGRE, 2000-2004?). Neste caso a arquitetura é o destaque, mas apenas imóveis anteriores à década de 1930 são descritos. Isso, apesar de boa parte do traçado dos roteiros estar preenchido com edificações da década de 1960. O passado modernista da cidade não alçou a condição de interesse turístico. Tal situação aponta para o caráter situado e construído do vínculo entre turismo e patrimônio.

A literatura pesquisada testemunha uma interessante da mudança de valores em relação ao passado (g), ilustrada em dois casos extraídos do *corpus* pesquisado.

O primeiro é o Mercado Público, que atualmente é "uma síntese da cidade, sua história e sua diversidade" (PORTO ALEGRE, 2007, p. 13), nota-se o contraste entre um texto de 1955 e de outro de 1999.

Mercado Público condenado a desaparecer, dando lugar a um amplo projeto de remodelação urbana da Praça 15, mas cuja visita é atraente e curiosa. Aí se encontra tudo, pois cada banca é um verdadeiro empório de gêneros e especialidades. [...]. O [portão] norte abre-se para um largo onde está o moderno Mercado Livre. (TOURING CLUB, 1955, p. 24) {16}.

Apesar de tido como atraente, o texto apresenta resignação em relação ao desaparecimento do Mercado Público em prol de um projeto de remodelação urbana. O Mercado Livre, ao contrário é tido como moderno e não sofre tal ameaça.

Recentemente restaurado, o Mercado Público é a própria história resgatada de Porto Alegre. Construído em 1869, à beira do cais, era o principal centro comercial da cidade. Ainda hoje, milhares de pessoas percorrem diariamente suas bancas em busca de carnes, pescados, importados e produtos coloniais. O restaurante Gambrinus e a Banca

40 (sorvetes e salada de fruta) são tradicionais e muito frequentados. (GAZETA MERCANTIL, 1999, p. 14) {17}.

Parece haver certa ironia em constatar que o 'moderno Mercado Livre' foi derrubado para dar lugar ao progresso encarnado em uma estação de trens metropolitanos, e que o 'condenado' Mercado Público foi restaurado, objeto de uma modernização que o percebe como um marco do passado e elemento essencial à identidade da cidade.

Outro caso de mudança em relação à valorização de um elemento do passado é a Ponte de Pedra. Inicialmente tida por seu aspecto pitoresco, às margens do centro urbano, com as obras de transposição do riacho dilúvio perde sua função original e ganha aquela de monumento. Assim, figura em publicações turísticas que a evocam como signo da cidade, em especial por seu contraste com a modernidade do centro administrativo e complemento à obra Tênius na outra margem do Parque dos Açorianos, evocando a memória de uma Porto Alegre colonial.

A partir dessas quatro perspectivas de enquadramento temporal (e), (f), (g) e (h), percebe-se como esse é um aspecto presente no intuito do discurso turístico em atribuir sentido ao espaço enunciado e em dotar o visitante de um repertório desde o qual possa interpretar o que experiencia. Mais do que a transformação do passado em mercadoria, esses diferentes enquadramentos temporais parecem estar vinculados a movimentos mais amplos de como os enunciadores interpretam o que é cidade e o que é Turismo, buscando a isso vincular as suas descrições de Porto Alegre. Como fonte de pesquisa os textos atestam as transformações da relação da cidade com a sua memória, ou com a sua perspectiva de futuro.

3.3 Baliza personagens ↔ do ↔ lugar

Apelar para personalidades famosas é outra maneira de criar um vínculo entre algo desconhecido com um elemento de domínio comum e sobre o qual existe interesse. Além disso, conhecer um pouco das personalidades da cidade é uma maneira de compreendê-la. Isso não é particular de Porto Alegre, mas um expediente utilizado em outros destinos e roteiros: a Londres de Jack estripador, a África do Sul de Mandela, o Rio de Janeiro de Machado de Assis, etc. Quais seriam os personagens de Porto Alegre?

Na literatura turística vimos evocados: escritores, como Mario Quintana, Moacyr Scliar e Martha Medeiros; artistas, como Vasco Prado e Iberê Camargo; políticos, como Getúlio Vargas, João Goulart, Leonel Brizola, Otávio Rocha e Júlio de Castilhos; desportistas, tais como Ronaldinho Gaúcho, Dunga, Falcão, Daiane dos Santos, João Derly; músicos, como Lupicínio Rodrigues, Elis Regina, a dupla Kleiton e Kleidir; além do arquiteto Theodor Wiedersphan. Poderíamos pensar também que além dos personagens humanos existem as instituições e episódios a partir dos quais se reconhece Porto Alegre, como seus clubes esportivos, a campanha da Legalidade, o Fórum Social Mundial.

A maneira como esses personagens povoam a narrativa turística sobre Porto Alegre é variada. Existe o caso em que são evocadas para situar o destaque da cidade em determinado campo (i). A situação em que o lugar é explicado a partir dos personagens que o fizeram (j). O uso do personagem como um tema para roteirização turística (k).

O excerto a seguir, por exemplo, tem por objetivo situar Porto Alegre no campo desportivo (i) e para isso faz referência aos atletas 'que a cidade lançou':

É a única cidade do Brasil que conta com dois clubes campeões mundiais [...] E se orgulha de ser a terra que lançou para o mundo craques como Ronaldinho, Pato, Falcão, Emerson, Dunga e o técnico Felipão. Atletas premiados internacionalmente, como Daiane do Santos, na ginástica olímpica, o bi-campeão mundial João Derly e os campeões Mayra Aguiar e Tiago Camilo no judô, também são talentos porto-alegrenses (PORTO ALEGRE, 2012, p. 09) {18}.

Além do esporte, a literatura é outro campo de referências que situam a cidade. É o caso da matéria 'Cidade das letras' (COSTA, 2012), que apresenta entrevista com Martha Medeiros, Assis Brasil e outros escritores, além de mencionar Scliar e Quintana. Existem outros textos cuja literatura produzida em Porto Alegre é um ponto destacado (DE SOUZA, 1993; CIOFFI, 2004; VELOSO, 2011; DE MENEZES, 2010).

Além de colocar a cidade em determinado quadro de referências, a menção de personalidades pode ser uma maneira de explicar determinado espaço (j).

O bairro [Moinhos de Vento] era residência de muitos comerciantes e industriais importantes da época, como o empresário A.J. Renner. Também circulavam pelo Moinhos figuras da política brasileira, entre elas os ex-presidentes da República Getúlio Vargas e João Goulart, em visita a familiares, e o ex-governador gaúcho Leonel Brizola, que lá residiu. (PORTO ALEGRE, 2013) {19}.

O excerto evoca 'as figuras da política brasileira' e um importante empresário como evidência da importância do bairro Moinhos de Vento, definido como 'nobre'. Auxiliando assim a compreensão das particularidades e dos sentidos atribuídos aquela área da cidade.

Já o terceiro processo é quando o lugar é lido a partir das referências a esse personagem famoso (l). Observe o trecho:

Suave, alegre e misteriosa: três adjetivos para uma cidade que respira cultura e, segundo quem conheceu de perto o poeta Mário Quintana (1906-1994), também caracterizavam a sua personalidade. (DE MENEZES, 2010, p. 04) {20}.

A descrição da personalidade de Quintana atua aqui como matriz a partir da qual ler a cidade em que o 'personagem' viveu. A descrição da cidade a partir de um de seus personagens traz dois sentidos. Por um lado, desperta o interesse em que aproximar-se do lugar é aproximar-se do próprio personagem, ver o mundo desde a sua perspectiva. Por outro, ao seguir os passos do personagem há uma busca em compreender a influência daquele contexto sobre a sua obra.

3.4 Baliza ideais de urbanidade

Para além dos aspectos da cena – espaço, tempo e personagens – existem ainda certos axiomas que buscam ser vinculados ao espaço descrito. Um grande conjunto das chaves interpretativas de Porto Alegre na literatura turística são designações de suas qualidades urbanas, ou em ideais de cidade, desde as quais a cidade é apresentada, e talvez, lida. Aqui o turismo parece ser um subterfúgio para apresentar uma cidade alinhada ao que se espera de uma metrópole. Mesmo que isso talvez tenha pouca relação com o que esperam os seus visitantes.

A exposição do Centenário Farroupilha (RIO GRANDE DO SUL, 1935), ocasião do primeiro testemunho de uma publicação turística escrita por porto-alegrenses, tinha justamente o propósito de exaltar o progresso: um ideal urbano de então. Isto é espelhar regionalmente a imagem de metrópoles mundiais, aspirando estar em conformidade com aspectos ideais que atestariam tal condição. Ao analisar a sensibilidade do urbano em Porto Alegre desde a literatura do início do século XX, Pesavento (1999, p.317) também identifica esse 'desejo de ser metrópole' em discursos que reafirmam o 'progresso e modernidade' da cidade.

Em publicações contemporâneas a insistência na condição metropolitana faz parte de uma busca por criar a identidade de Porto Alegre como uma cidade de negócios. A proposta de divulgação turística não parece aqui comunicar-se diretamente com a percepção da cidade para o lazer dos visitantes. Parece, sim, atuar como promotora de uma imagem da cidade capaz de atrair investimentos e novos moradores – como próprio de um cenário de competição urbana instaurado desde a abertura comercial brasileira dos anos 1990. Neste sentido, o turismo é identificado com uma série de mobilidades, como tratamentos de saúde, realização de negócios, compras e eventos científicos. Há um desencaixe no modo como o referente Turismo é preenchido: como oportunidade de negócios ou como oportunidade de férias. O trecho a seguir é ilustrativo dessa compreensão:

Cidade boa para seus habitantes, melhor ainda para o turismo. Porto Alegre acolhe um número significativo de visitantes, atraídos pela excelente qualidade em infra-estrutura, áreas verdes, comércio qualificado e diversificado, boa oferta gastronômica e de hospedagem e uma vida cultural com destaque dentro do país e do Mercosul. Centro referencial de saúde, é procurada para tratamentos especializados. Centro tecnológico importante, realiza inúmeros eventos na área das

ciências. Centro econômico dinâmico, atrai turistas de negócios e compras. Esta riqueza e diversidade são referências para a implantação de novos negócios em Porto Alegre, no momento em que a cidade revigora a sua política na área de turismo. (PORTO ALEGRE, 2001-2004?) {21}.

Inicialmente não fica claro se significativo 'turismo' é preenchido pelos visitantes, ou pelos investidores que os têm em vista. As condições elencadas no parágrafo anterior parecem ser reputadas ao se escolher a localização de um empreendimento ou de um local para habitar, mas muito genéricas para descobrir o destino em uma visita temporária espontânea. A dúvida é esclarecida quando a evocação da riqueza e da diversidade teria como finalidade referenciar a implantação de novos negócios.

A promoção dessa imagem da cidade de negócios está vinculada ao local de fala do poder público, no entanto, em publicações de revistas e jornais que têm visitantes a lazer como público-alvo, a condição turística de Porto Alegre é questionada. Alguns exemplos são:

Porto Alegre, que merece um olhar mais atento do turista, foi visitada no ano passado por 1,3 milhão de pessoas. Cerca de 842 mil delas em viagem a negócios (DE MENEZES, 2010♦, p. 02){22}.

Muitos dos que desembarcam no Aeroporto Salgado Filho alugam logo um carro e seguem direto para a Serra Gaúcha, sem saber que Porto Alegre tem atrações que justificam que se largue a mala ali mesmo e se desfrute um par de dias bem agradáveis. (AZZI, 2012) {22}.

É explícita aqui a oposição entre viagem de negócios e turismo, mobilidades que parecem indicar conteúdos distintos. A Serra Gaúcha é tida como objeto de uma mobilidade espontânea Porto Alegre não exerceria tal condição. Não obstante ser tido apenas como ponto de conexão, ou uma cidade paradoro, existiriam motivos para preencher 'um par de dias bem agradáveis'. Essa intencionalidade propriamente turística sobre o espaço porto-alegrense destaca seus atributos culturais.

Outro modo de apontar o vínculo Porto Alegre a um circuito de cidades importantes além da evocação de seus equipamentos urbanos, é enunciar a sua condição de pólo cultural: uma cidade multicultural que acolhe a diversidade. A presença de produções culturais, restaurantes, opções de centros de compras e de diversão noturna ganham destaque nas publicações desde a década de 1990. Comparando as diferentes publicações ao longo do tempo, a emergência desses tópicos indicam um alargamento do que é compreendido como atividades turísticas no âmbito urbano. Ao revés, a menor presença, ou ausência, desses tópicos em publicações de datas anteriores aponta que não participavam do ideal de urbanidade turística. Gravari-Barbas (2013) denomina esse novo ideal de urbanidade de 'cidade festiva', onde a presença de opções cultura e entretenimento amplia a conotação turística das cidades. A própria presença dos equipamentos necessários às produções culturais, por sua

vez, encaixam-se à matriz que lê a cidade como centro urbano importante e distinto.

Isso sem contar o cenário de rock, já forte e tradicional na capital, o que garante a Porto Alegre estar no circuito de grandes shows internacionais. Paul McCartney, Eric Clapton e Pearl Jam passaram por lá em 2011. A cidade tem arenas de shows de dimensões variáveis, desde o Estádio Beira-Rio, onde rolam os grandes eventos, para um público de até 60 mil pessoas, até salas e teatros pra concertos menores. (AZZI, 2012) {23}.

Aqui os signos de urbanidade já não são mais o porto, a rede informática ou multinacionais. A presença de equipamentos para *shows* e a capacidade de ser palco para artistas de renome internacional é o atestado da importância da cidade. Enfatiza-se a presença do entretenimento e da festa como signo de urbanidade. Além da centralidade representada por importantes culturais outra característica com a qual se procura qualificar Porto Alegre é a de 'vanguarda'.

Vida Cultural

A programação cultural da capital gaúcha é efervescente e qualificada. Não bastasse a recuperação do Teatro São Pedro (1858) resgatar para a cidade a condição de cultural de vanguarda do país, onde muitos dos grandes espetáculos vêm do eixo RJ/SP para fazer sua estréia, Porto Alegre ainda tem a peculiaridade de ser a capital com o maior número de salas de cinema por habitante. Boa parte delas estão ancoradas nos shopping centers, com fácil estacionamento e segurança.

Show locais, nacionais e internacionais movimentam as casas de espetáculos que, juntamente com exposições de arte, artesanato, museus, bibliotecas e dois complexos culturais, como a Usina do Gasômetro e a Casa de Cultura Mario Quintana, completam um roteiro cultural dos mais qualificados. (PORTO ALEGRE., 1993-1996?) {24}.

Esse texto busca igualmente afirmar a condição de Porto Alegre como um centro de vanguarda na cultura. Ao apontar que essa qualidade estaria sendo 'resgatada', testemunha ainda busca a por um processo de transformação urbana através da cultura. Ao mesmo tempo em que registra um movimento de deslocamento dos cinemas para os *shopping centers*, em busca do estacionamento e segurança, sugere como opções turísticas o 'histórico' Teatro São Pedro, então recuperado, e os então recentes complexos culturais, Usina do Gasômetro e a Casa de Cultura Mario Quintana, os três instalados no Centro Histórico.

Com a expansão desse âmbito do turístico para cultura, compras, gastronomia e diversão noturna, emerge a matriz que valoriza a cidade por ser 'multicultural' e acolhedora da 'diversidade'. Há um anseio em declarar-

se ‘cosmopolita’ e ‘tolerante’. A imigração torna-se um signo dessa multiculturalidade. Como no seguinte trecho:

Em Porto Alegre diferentes formações culturais delinearam uma cidade com traçados que deixam ver a pluralidade e a heterogeneidade étnica, cultural e social que configura e singulariza o território. O processo de criação da cidade tem nas mãos de estrangeiros a construção de uma obra – índios; tropeiros (século XVII); colonos açorianos (1752); africanos; imigrantes italianos e alemães (1820-1890), entre outros. As crenças, as lendas, os hábitos, os costumes e as tecnologias dessas diferentes etnias e culturas formam o mosaico cultural que identifica e apresenta a Porto Alegre do século XXI. (PORTO ALEGRE, 2003, p6) {25}.

A cidade é aqui vista como um mosaico em que a copresença das diferenças é que forma unidade. A valorizada pluralidade e heterogeneidade está vinculada também a um ideal de hospitalidade. É curioso no excerto como os índios e africanos, grupos aos quais não está afixada uma data, são inseridos na mesma sequência de grupos tradicionalmente valorizados pela historiografia tradicional. Parece estar presente o que Canclini (2007) designa por ‘equalização das diferenças’. Um processo que ao mesmo tempo em que as valoriza, as destitui de conflitos colocando-as como opções gastronômicas, em um contexto em que a variedade e diversidade são tidas como valor.

Além do cosmopolitismo, a valorização diversidade também dá espaço à noção de uma sociedade aberta e acolhedora de modos de vida tidos como ‘alternativos’. Como em:

Quem chega a Porto Alegre percebe seu ambiente culturalmente aberto e democrático, a convivência com a diversidade e a pluralidade de expressões, próprio de uma cidade atenta e sintonizada com o mundo e que dá valor à qualidade de vida. Porto Alegre gerou os primeiros movimentos ambientalistas no Brasil, na década de 70, e partiram daqui também posições de vanguarda na defesa das conquistas e direitos da comunidade LGBT no país. Foram da Justiça gaúcha, em 1998 e em 2001, as decisões inéditas reconhecendo a união entre casais do mesmo sexo como união estável, tema que só ganhou amplitude nacional em 2011. (PORTO ALEGRE, 2013-2015?) {25}.

Outro texto nessa linha é:

Alternativa e Mente Aberta

[...] Porto Alegre é uma das cidades do país mais amigáveis a diferentes sexualidades, classes econômicas e estilos de vida. Os lugares mais frequentados costumam receber todo o tipo de pessoa, e não é difícil ver casais de todas as preferências caminhando juntos pelo

Bom Fim, o principal bairro *gay-friendly* da cidade. (SQUARE METRE GUIDE, 2013; 2014♦127) {25}.

A concentração dos locais 'mais frequentados' abre a possibilidade de expressão da individualidade por 'todo o tipo de pessoa'. Tal situação vai ao encontro da mitologia da urbanidade como *locus* da possibilidade de expressão, em oposição à vigilância da comunidade em localidades menores.

Vimos que as noções de centro importante, de vanguarda, que abriga a diversidade e o cosmopolitismo fazem parte do ideal urbano a partir do qual os enunciados pretendem incluir Porto Alegre. No entanto, de maneira concomitante existe uma leitura que nega a condição urbana pelos seus efeitos indesejados como ruídos, estresse, poluição, perda da capacidade de contemplação e indiferença de sua população. Há então uma tentativa de caracterizar a cidade por meio elementos que se afastam da urbanidade.

Tal matriz é expressa na fórmula que designa Porto Alegre como "cosmopolita, mas com charme de província" (PORTO ALEGRE., 1993-1996?)¹, ou "o jeito de metrópole com costumes provincianos" (PORTO ALEGRE, 1989-1992?). Essa dualidade busca conjugar a visão de: um centro de negócios importante, mas com ritmo de cidade do interior. É o caso do excerto a seguir:

¹ "[...]a cidade é ao mesmo tempo, metrópole e província. A face cosmopolita se exhibe nos altos espigões, amplas perimetrais e na respeitável infra-estrutura [...] Uma visão suburbana de terra natal se apresenta, porém, quando os forasteiros se deparam com gaúchos pilchados ou com os moradores instalados em cadeiras na calçada, de chimarrão em punho, esquadrinhando o céu estrelado das noites de verão." (PORTO ALEGRE., 1993-1996?).

Nos anos 1990, quando a ONU lança o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o IBGE propõe a metodologia para aplicá-lo em escala municipal, a 'qualidade de vida' passa a ser outra marca turística da cidade. Naquela ocasião Porto Alegre era destaque entre as regiões metropolitanas, liderança que deixou de ocupar em medições subsequentes. E, embora essa avaliação seja resultado de índices em educação, longevidade e renda, na literatura turística analisada associou-se à noção de uma cidade arborizada e onde a mobilidade é facilitada, se comparado às metrópoles nacionais.

Porto Alegre tem um dos mais altos índices de arborização do país. Nas ruas, estão 1 milhão e 200 mil árvores. Por isso, é muito bom caminhar na cidade. (PORTO ALEGRE, 2005-2007?) {26}.

A alusão a esta estatística de arborização, presente com variações também em outros textos, é retrato da valorização de uma 'cidade verde', onde é possível contato com a natureza. São apresentadas as possibilidades de práticas turísticas vinculadas a espaços naturais no território porto-alegrense. Assim como a arborização, faz parte dessa caracterização a ênfase na tríade: sítio urbano, parques e área rural.

Privilegiada pela natureza, Porto Alegre é um encontro de paisagens, Sua Geografia é composta por planalto, planícies e o Guaíba, imenso lago natural onde se vislumbra um dos mais belos espetáculos da cidade: o pôr-do-sol. (PORTO ALEGRE, 2005- 2008?,) {27}.

Além de espetáculos paisagísticos, essa natureza também é cenário para a vida urbana da cidade, conforme se verifica em:

Parques expressão da cidade.

Amantes da vida ao livre, os gaúchos passam grande parte dos tempos livres nos parques com o chimarrão (para beber chá de mate) e com os amigos. Os passeios de bicicleta são muito comuns, tal como o jogging, sempre na companhia do animal de estimação. (VELOSO, 2011, p. 70) {28}.

Um terceiro aspecto vinculado à ideia de cidade verde são as iniciativas turísticas que têm os arrabaldes e o "outro mundo" que existe além da crista dos morros da zona sul da cidade. O trecho a seguir atesta:

O meio rural ocupa um terço do município de Porto Alegre e é povoado por pequenas propriedades e áreas naturais. As propriedades produzem hortigranjeiros e frutas como o pêssego, a ameixa e as uvas. Com uma história marcada pelo multiculturalismo das etnias italiana, alemã, polonesa, portuguesa e japonesa, a área rural de Porto Alegre apresenta opções de trilhas ecológicas e de compras de produtos agrícolas (PORTO ALEGRE, 2003, p.33 {29}.

Além de combinar valores já presentes em balizas anteriores, como o multiculturalismo, o discurso turístico sobre essa região da cidade indica a incorporação de inovações do sistema Turismo como a noção de 'Turismo ecológico'.

Excursões aos arrabaldes já eram destaque nas primeiras publicações turísticas sobre Porto Alegre (SMITH, 1883; TOURING CLUB, 1955). No entanto, é possível notar uma mudança tanto na intencionalidade quanto nas práticas verificadas nesses lugares. Um exemplo são as praias do Guaíba, que tinham a função de balneário, e a perderam, passando a ser pontos para contemplação de suas águas e para a prática de esportes

náuticos. Já nos morros da cidade, nota-se que a curiosidade científica inicial foi substituída pelo interesse nos panoramas urbanos. Posteriormente emergem as propostas de práticas esportivas, como as trilhas e o arvorismo. Todavia, há também nessas visitas um renovado interesse científico que surge com os movimentos ecológicos na segunda metade do século XX. Em ambos os casos, tanto das praias como nos morros, o turismo acaba competindo com outros interesses e dinâmicas da cidade, tal como a expansão do tecido urbano, ocasionando a diminuição de sua visitação turística.

A figura do 'gaúcho' é outro *ipse* que aglutina atribuições de sentido sobre Porto Alegre. Nas publicações turísticas, o principal valor atrelado a essa figura é o da hospitalidade.

Publicações estrangeiras, como o guia Lonely Planet, adotam essa chave interpretativa para caracterizar Porto Alegre e o Rio Grande do Sul.

[...] residents of Rio Grande do Sul call themselves *gaúcho*, after the independent-minded ranchers and cattle herders that settled the state. [...] Grilled meat, or *churrasco*, is still the state's favorite food, and everywhere, everywhere, locals suck down *chimarrão*, the distinctive tea made from the maté plant. Such traditions remain, even in the cosmopolitan capital do Porto Alegre. (LONELY PLANET, 2010, p. 358) {30}.

Nos textos voltados ao público brasileiro, além do churrasco e do chimarrão outra particularidade local destacada é o sotaque. Uma publicação apresenta ao leitor um "glossário de gauchês" (HORCEL, 2011), ou como exemplo seguinte que aconselha:

Comece tirando o "tu" da gaveta, pois esse negócio de dizer "você" em Porto Alegre não está com nada. [...] Logo que começar a circular pelas avenidas, o visitante vai perceber que existe um idioma próprio da capital. Só de ler as placas descobre-se que lanchonete lá é lancheria. [...] O pão francês é chamado de cacetinho. Policial é brigadiano e semáforo é sinaleira, como no Nordeste. E, nos cardápios das cafeterias, quase sempre há o negrinho, que o Brasil todo conhece como brigadeiro. Ao final de cada frase, você pode soltar um longo "néééééé?", caso queira a concordância do seu interlocutor, ou um "bááááá!", que serve para tudo – e eles falam o tempo todo. (AZZI, 2012, p. 4) {31}.

Nota-se na literatura turística menção à identidade regional gaúcha em diferentes situações: gastronomia, folclore, linguagem, hábitos locais. Elementos mencionados como um repertório a partir do qual o visitante pode dialogar com as peculiaridades da alteridade do local visitado.

Além do gentílico, outra caracterização própria à Porto Alegre é que seria uma cidade 'tímida', que necessita de tempo e boa vontade para ser descoberta. Uma cidade que se esconde, que exigiria do turista certo

esforço para apreciar sua alteridade, como aponta o trecho da revista portuguesa:

Insólito e alegre

Porto Alegre é uma cidade inusitada. Podemos até, com algum atrevimento, compará-la ao prato culinário brasileiro Escondidinho: “nunca se sabe o que há por baixo”. Começemos pelo Solar dos Câmara, um dos edifícios mais antigos da cidade, onde funciona actualmente a Assembleia Legislativa do Estado.[...] Outro caso do insólito é que a Rua da Praia já não existe, embora o nome permaneça na boca de toda gente. A placa toponímica chama-lhe actualmente Rua dos Andradas. Acontece que o Rio Guaíba também não é rio, mas sim um lago onde confluem cinco rios....[...] Luís Fernando Veríssimo “ao contrário de cidades previsíveis como Paris, Roma (...) você precisará de tempo para decifrar Porto Alegre.” (VELOSO, 2011, p. 71) {32}.

Já em uma revista de viagens nacional é possível ler:

Para entender (e gostar de) Porto Alegre, basta chegar sem ansiedade. A cidade vai apresentar-se aos poucos. É só não ter pressa. Isso porque a capital gaúcha não é uma cidade de beleza fácil, dessas que escancaram a paisagem para o primeiro que chega apontando uma câmara fotográfica, tal como o Rio de Janeiro. [...] O encanto está no conjunto: na vida cultural e boêmia, na gastronomia, na simpatia das pessoas e, sobretudo, nos gauchismos que tornam a cidade única e especial entre todas as outras cidades brasileiras. É como se Porto Alegre fosse uma moça bonita e elegante, de formas harmoniosas e discretas, que não para o trânsito, mas que pode fazer qualquer um se apaixonar à medida que sua personalidade é desvendada. (AZZI, 2012, p. 1) {32}.

Poderíamos pensar essa baliza também como um pano de fundo, subjacente às outras em que permanece o questionamento: o que faz Porto Alegre uma cidade única para ser descoberta? Ao evocar-se outros locais já se atesta sua comparação com o Prata ou metrópoles de outros lados. Ao convocar o ideal de progresso existem outros locais com projetos futuristas, assim como urbes que preservam seu patrimônio e tradições. Identificar a capital gaúcha como uma cidade moderna, onde há presença de equipamentos urbanos importantes, inclusive no campo da cultura e da festa, não a distingue de outras cidades em que tais funções são inclusive mais evidentes. Até mesmo o gentílico do gaúcho é possível encontrar-se em outras paragens. Porto Alegre é definida, portanto, como um local de encontro de diferentes paisagens, tradições, possibilidades turísticas, mas que exigem paciência do visitante em desvendar o conjunto. É uma espécie de beleza minimalista, cuja apreciação requer ao visitante despir-se da expectativa de grandes contrastes e mergulhar no ritmo suave tal qual o fluxo de seu lago e as curvas de seus morros. Aos poucos a cidade invisível vai revelando-se.

4 Considerações finais

Em um contexto do crescimento da participação dos serviços na economia urbana e do uso frequente do turismo como subterfúgio para projetos com repercussões importantes na vida das cidades, este trabalho procura contribuir ao apontar os processos discursivos de transformação de um espaço em turístico. Também evidencia o caráter situado e político do que é compreendido enquanto turismo e qual papel é atribuído à figura do turista. Outra contribuição é a discussão e o uso da literatura turística como fonte de análise para a Geografia.

A partir da análise do corpus investigado procurou-se verificar de que modo Porto Alegre foi apresentada como turística. Adjetivo cujo sentido parece repousar em seu vínculo com o urbano. Percebemos a presença de balizas que aglutinam as construções de sentido e representações sobre a cidade. A análise da literatura turística sobre Porto Alegre permite apontar as mitologias a partir das quais os redatores desses enunciados gostariam que a cidade fosse percebida. No entanto, nem sempre condizem explicitamente com uma intencionalidade turística, por vezes estando subordinadas a outras lógicas como a promoção de um imagem apta a atrair investimentos, ou promover a administração pública. Não obstante, esses enunciados são apenas pontos de partida, desde os quais cada visitante irá co-construir uma percepção própria sobre a cidade ao experienciá-la a partir do jogo entre ipse e idem.

5 Referências dos textos do *corpus*

AZZI, T. Porto Alegre: uma viagem trilegal. Viaje Mais. Seção Fim de Semana. São Paulo. Editora Europa. v.127 pp.3-13, 03 de maio 2012.

BOCANEGRA, M. Porto Alegre: la más criolla de Brasil. La Nación. Turismo. Buenos Aires, 25 de set. 2011.

CIOFFI, S. Memória do poeta fica hospedada em hotel. Folha de São Paulo. Caderno Turismo. São Paulo. p. f4, 1 de mar. 2004.

COSTA, C. Cidade das Letras. Tam nas nuvens, 5(59), 102-117. v.5 n.59 pp.102-117, NOV. 2012.

DE MENEZES, B. História e Poesia se encontram nas ruas e praças do Centro. A Tarde. Turismo. Salvador (BA). p.04, 17 de jun. 2010

DE SOUZA, C. A. Porto Alegre respira poesia de Quintana. Folha de São Paulo. Caderno Turismo. São Paulo. p.6-17, 19 de maio 1994.

EMBRATUR. ROSENBLATT, M. (Coord.) Porto Alegre. Roteiro turístico-cultural de Porto Alegre e cidades vizinhas, Rio Grande do Sul: na terra dos gaúchos. Rio de Janeiro. AGGS. pp.57-100, 1978.

GAZETA MERCANTIL. Guia do Executivo Gazeta Mercantil: Porto Alegre

& Serra Gaúcha. São Paulo. Gazeta Mercantil S.A., 1999

HORCEL, L. Roteiro cultural. História inspira visita a Porto Alegre. Gazeta do Povo. Turismo. Curitiba (PR). p.4-5, 8 de set. 2011.

LONELY PLANET. LOUIS, R. (Coord.) Porto Alegre. Lonely Planet Brazil. Singapura. Lonely Planet. 8a ed. pp. 360-363, 2010.

PORTO ALEGRE, P.M. Empresa Porto-alegrense de Turismo S/A. 'Capital da qualidade de vida' Porto Alegre Guia SOS Turista. EPATUR. Administração Popular, 1989-1992(?)

PORTO ALEGRE, P.M. Escritório Municipal de Turismo. Roteiros históricos. Roteiro Praça da Alfândega. Porto Alegre. ESTUR, 2001-2004(?)

PORTO ALEGRE, P.M. Escritório Municipal de Turismo. Porto Alegre Convention & Visitors Bureau. 16 dicas para curtir Porto Alegre. . Porto Alegre. SMTur/POAC&VB, 2003-2004(?).

PORTO ALEGRE, P.M. Escritório Municipal de Turismo. Porto Alegre Convention & Visitors Bureau. Você se encontra em Porto Alegre. . Porto Alegre. ESTur/ POAC&VB, 2005-2007 (?)

PORTO ALEGRE, P.M. Porto Alegre Turismo. Porto Alegre Convention & Visitors Bureau. Porto Alegre Bem-Vindo. Porto Alegre. PMPA/ POAC&VB. Preservando Conquistas, construindo mudanças, 2005-2008(?).

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Indústria e Comércio. Escritório Municipal de Turismo. Porto Alegre Convention & Visitors Bureau. Porto Alegre: cidade que conquista. . Porto Alegre. ESTUR/POAC&VB. Administração Popular, 2001-2004(?)

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Turismo. BALDINO, Angêla (Ed.); ZARPELON, Eliana (texto) Turismo/ Tourism Porto Alegre. Porto Alegre. SMTur/Aracruz. Preservando Conquistas, construindo mudanças, out. 2007.

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Turismo. Porto Alegre RS/Brasil. . Porto Alegre. SMTur, jan. 2012

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Turismo. Cruzando o Paralelo 30°S. Roteiro Moinhos de Vento. Porto Alegre. SMTur, maio 2013.

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Turismo. Porto Alegre LGBT. . Porto Alegre. SMTur, 2013-2015(?).

PORTO ALEGRE, P.M. Empresa Porto-alegrense de Turismo S/A. Mapa Turístico de Porto Alegre. Assumindo a condição de capital do Mercosul. Porto Alegre. EPATUR. Mais cidade, mais cidadania, 1993-1996 (?).

PORTO ALEGRE, P.M. Secretaria Municipal de Turismo. Secretaria Municipal de Cultura. Secretaria Especial da Copa. TRADICIONALISTA GAÚCHO, Movimento. 1ª Região Tradicionalista da Fundação Cultural Gaúcha. Turismo de Galpão: venha viver a cultura gaúcha - Guia de oficina e atividades abertas. Porto Alegre. SMTur/SMC/SECOPA/MTG, 2013(?).

RIO GRANDE DO SUL. Catálogo da Exposição do Centenário Farroupilha. Porto Alegre. STAR Gráfica, 1935.

SMITH, H. Paper 1 - From Rio de Janeiro to Porto Alegre. American Naturalist. Chicago. JSTOR. v 27 n.4, abril 1883. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/273325>. Acesso em 26.dez 2021.

SQUARE METER GUIDES Porto Alegre guide - guia gratuito feito para viajantes independentes por viajantes locais, 2014.

TOURING CLUB. GOIDANICH, O (Org.) Guia de Porto Alegre. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1955.

VELOSO, M.J. 10 básicos de Porto Alegre. UP Magazine - TAP Portugal. Lisboa: v.49 pp.66-75, nov. 2011.

6 Referências bibliográficas

ÉQUIPE MIT. *Tourisme 1: Lieux Communs*. Paris: Belin, 2008.

BARTHES, R.. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BERTONCELLO, R. *Turismo y geografía: lugares y patrimonio natural-cultural de la Argentina*. Buenos Aires: Ciccus, 2008.

CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CANCLINI, N. G.. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CHARAUDEAU, P. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

CORBIN, A. *L'Avènement des loisirs: 1850 -1960*. Paris: Champs histoire, 2009.

CRANG, M.. Geografias culturais do turismo. In: A. LEW, M. HALL, & A. WILLIAMS, *Compêndio de Turismo*, pp. 97-108. Lisboa: Piaget, 2004.

DE MATTOS, C. Modernización capitalista y transformación metropolitana em América Latina: cinco tendências constitutivas. In: GERAIGES, ARROYO, & SILVEIRA, *América Latina: cidade campo e turismo*. Buenos Aires/ São Paulo: Clacso, 2006.

DUHAMEL, P. Patrimoine et modernité: double logique de la production et du renouvellement des villes touristiques. In: P. DUHAMEL, & R. KNAFOU, *Mondes Urbain du Tourisme*. Paris: Belin, 2007.

ÉQUIPE MIT. *Tourismes 2: moments de lieux*. Paris: Belin, 2005.

GRAVARI-BARBAS, M.. *Aménager la ville par la culture et le tourisme*. Paris: Groupe Moniteur, 2013.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE. *Pesquisa de Serviços de Hospedagem - ano base 2011*. Rio de Janeiro, 2011.

KNAFOU. Introduction au Atelier thématique IV: espaces régionaux, espaces touristiques. In: *Les guides imprimés du XVI au XX siècle: villes, paysages, voyages*. Paris: Belin, 2000.

LAZZAROTTI, O. *Patrimoine et Tourisme: histoires, lieux, acteurs, enjeux*. Paris: Belin, 2011.

LIPOVETSKY, G., & SERROY, J. *L'esthétisation du monde: vire à l'age du capitalisme artiste*. Paris: Gallimard, 2013.

LÖFGREN, O. *Storie delle vacanze*. Milano: Bruno Mondadori, 2006.

LUSSAULT, M. Le tourisme, un genre commun. In: P. DUHAMEL, & R. KNAFOU, *Les mondes urbaines du tourisme*. Paris: Belin, 2007.

MACCANNELL, D. *The Tourist: theory of new leisure class*. Berkeley: University of California Press, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MEIRA, A. *O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

MIOSSEC, J. L'Image touristique comme introduction à la Géographie du Tourisme. *Annales de Géographie*, n.86, v.473, pp. 55-69, 1977. Disponível em https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1977_num_86_473_17568. Acesso em: 26 dez. 2021.

PESAVENTO, S. *O imaginário da cidade: visões literária do urbano : Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

PIRIOU, J. (2009). Une approche régionale de la destination touristique: étude des cas de la vallée de la Loire et du bassin Lémanique. In: J.

LEMASSON, & P. VIOLIER, *Destinations et Territoires Coprésence à l'oeuvre*. Québec: PUQ, 2009.

REVEL, J. Discours. In: J. REVEL, *Dictionnaire Foucault*. Paris: Ellipses, 2008.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. . São Paulo: WWF Martins Fontes, 2014.

SELBY, M. *Understanding urban tourism: image, culture and experience*. Nova Iorque: I. B. Tauris, 2004.

SOUZA, M. *Fobópolis: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPIROU, C. *Urban tourism and urban change: cities in a global economy*. New York: Routledge, 2011.

STOCK, M. & ANTONESCU, A. Une méthodologie pour reconstruire la mondialisation du tourisme. *Mondes du Tourisme*, n.9, v. 14, pp.2-18, jun. 2014. Disponível em: : <http://journals.openedition.org/tourisme/124>. Acesso em: 26 dez. 2021.

STOCK, M. Habiter touristiquement la ville. In: P. DUHAMEL, & R. KNAFOU, *Mondes Urbains du Tourisme*. Paris: Belin, 2007.

TELLES, P. Capítulo 3. . In: P. TELLES, *Os territórios (sociais) da mobilidade*. Porto: Lugar do Plano, 2005.

URRY, J. *O Olhar do Turista*. São Paulo: SENAC, 2001.

YIN, R. *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Livros: AUTOR (ES). Título: subtítulo. Indicação de responsabilidade (organização, revisão crítica, tradução etc). Edição. Local de publicação (cidade): Editor, data (ano). Número de páginas ou volumes.

Dissertações e teses: AUTOR. Título: subtítulo. Data. Número de folhas ou volumes. Tipo de trabalho (grau)-vinculação acadêmica, local e ano da apresentação ou defesa.

Capítulos de livro: AUTOR (ES) Título do capítulo. In: AUTOR (ES) DO LIVRO. Título do livro. Edição. Local de publicação (cidade): Editora, data (ano). Número de páginas. Páginas inicial e final do capítulo.

Trabalhos apresentados em congressos: AUTOR (ES) DO TRABALHO. Título do trabalho. In: NOME DO CONGRESSO, número do evento, data da realização, local de realização (cidade). Título... Local de publicação (cidade): Editora, data de publicação (ano). Páginas inicial e final do

trabalho.

Artigos de revistas: AUTOR (ES) DO ARTIGO. Título do artigo. Título da revista, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, página inicial e final do artigo. Mês e ano do fascículo.

Fontes de pesquisa eletrônica: AUTOR (ES). Título. Disponível na Internet. Endereço. Data de acesso.

ⁱOs excertos foram indexados nos números entre chaves { }, mencionados para evitar a transcrição repetida de textos do *corpus*.